

DIAGNÓSTICO E BATALHA: SOBRE A DUPLA CARACTERIZAÇÃO DA FILOSOFIA POR FOUCAULT¹

Felipe Luiz

Resumo: O presente artigo intenta explorar aquilo que parece se uma caracterização bifronte da filosofia na obra de Michel Foucault. Por um lado, uma noção da tarefa da filosofia mais corriqueira na exegese de seu pensamento, tal seja, a ideia de que a filosofia é um diagnóstico do presente, ideia que Foucault ora aponta como oriunda de Kant, ora como tendo uma raiz nietzscheniana. Por outra via, a noção, que ocorre em alguns textos, de que a genealogia, enquanto método histórico-filosófico, é uma arma em um conflito social. No correr do texto, apresentamos e discutimos esse Janus filosófico e lançamos mão de uma interpretação do mesmo.

Palavras-chave: Michel Foucault. Friedrich Nietzsche. Genealogia. Diagnóstico. Estratégia

Abstract: The present paper intends to explore that which looks to be a bifrontal characterization of philosophy in the works of Michel Foucault. On one hand, a notion of the task of philosophy more common in the exegeses of his thought, which is the idea that philosophy is a diagnostic of the present, idea that Foucault sometimes points out as originated from Kant, other time as having a Nietzschean root. On the other hand, the notion, that occurs in some texts, that genealogy, as a historical=philosophical method, is a weapon in a social conflict. In the papers, we present and discuss this philosophical Janus and interpretate it.

Keywords: Michel Foucault. Friedrich Nietzsche. Genealogy. Diagnostic. Strategy.

¹ Agradecemos à CAPES pelo financiamento dessa pesquisa, sem o qual ela não seria possível.

INTRODUÇÃO

Desde a década de 60, Foucault caracterizava o fazer filosófico como uma atividade de diagnóstico. Esse tipo de afirmação afunilou-se com o correr dos anos, de modo que, uma década depois, ele vai introduzir a noção de ontologia de nós mesmos, ontologia do presente ou ontologia histórica como a tarefa fundamental da filosofia. Para ele, essa faina da disciplina dos amigos do saber seria explicar como nos tornamos nós mesmos ou, em outros termos, dentro de suas asserções descontínuas, a filosofia deveria indicar como, na miríade do possível, adotamos certas escolhas que vieram a nos diferenciar do passado, de modo a nos tornar singulares. Esse gênero de pensamento, que pensa o tempo histórico como acontecimento, estava presente desde a juventude de Foucault. Basta refletirmos, por exemplo, no riso que se lhe foi despertado com a leitura do bestiário de Borges: uma classificação completamente estranha à nossa sensibilidade de homens ocidentais pelas balizas perceptivas utilizadas a fim de categorizar os diferentes animais. Essa ruptura na sensibilidade indica bem o que, para Foucault, deveria ser feito no trabalho filosófico: vincar no mundo as características as mais próprias de dada formação social.

Por outro lado, especialmente na década de 70, o pensador francês se valeu de um vocabulário bélico a fim de indicar a maquinaria que ele estava começando a operar. Tática, relações de força, estratégia, luta, dispositivo. Toda uma gama de termos oriundos das ciências militares e que Foucault buscou se valer especialmente a fim de pensar as vicissitudes das relações de poder. Ele chegou mesmo a afirmar que deveríamos nos aproximar dos generais e de seu saber, caso intentássemos escrever uma análise do poder político. No curso de 1976, ele entende que as genealogias estavam travando uma batalha; e o próprio curso é destinado a traçar a genealogia de um modelo de compreensão fundado, precisamente na guerra. O final de *Vigiar e Punir* indica um verdadeiro chamado às armas, com a predição de que uma batalha se aproximava. Afora esses elementos, a própria postura militante de Foucault quando de então indica que o estatuto concedido ao seu fazer teórico era um que tomava a sociedade como belicosa. Duas posturas, portanto: uma que parece induzir ao quietismo, já que caber-nos-ia diagnosticar, sem intervir diretamente, ou seja, sem aduzir uma terapêutica, para continuarmos a nos valer

de termos oriundos da ciência daqueles que abrem os cadáveres; outra que pensa que a filosofia deve ligar-se às lutas em curso e esclarecer a ação, como se o pensamento fosse uma caixa de ferramentas, nas palavras do próprio Foucault, ou uma arma. Se ele propugnou uma estratégia sem sujeito, será que ele foi também um estrategista sem estratégia? A questão é a que nos propomos a resolver no presente texto.

Tendo em vista o objetivo colimado, nos voltemos à exegese dos textos e dos comentadores. Foucault afirma que o primeiro a pensar a filosofia como diagnóstico foi Nietzsche (Foucault, 1994c, p. 573) Segundo ele, Nietzsche inovou ao pensar a filosofia como uma tarefa que envolveria elaborar a análise das forças que constituem o presente. O termo *diagnóstico* é de cepa médica, como se sabe. Nos voltemos, primeiramente a Nietzsche e vejamos brevemente o que esta analogia guarda em relação ao conjunto de seu pensamento.

Nietzsche e as alusões médicas

Basta que se leia algumas páginas de Nietzsche para se convencer do grande papel que essas ciências e as iologias em geral exerceram sobre seu pensamento. Não à toa: Nietzsche se propõe a destruir a moral cristã exatamente porque esta destruiria o verdadeiro valor da vida. Em seu lugar, é justamente um pensamento que a valorize aquilo que o filólogo-filósofo coloca em seu lugar: uma filosofia que sirva para afirmar a vida, para dar vazão à vontade de potência, a qual, tal qual é de pleno conhecimento, Nietzsche julgava na base mesmo do ser.

Pasley (1978) elabora uma análise das fases pelas quais, nos diz, passaram as analogias médicas no pensamento de Nietzsche. Segundo ele, o filósofo de Röcken começa com alusões limitadas, mas se deixa levar em um *crescendum* a ponto de elas se tornarem verdadeira obsessão; assim como Nietzsche julga que a verdade começou como uma metáfora que foi esquecida enquanto tal, ele mesmo teria tornado suas alusões médicas realidades se esquecendo de seu caráter original (comparação nossa). *Esprit du temp* ou *Zeitgeist*: o século XIX viu um grande desenvolvimento nas ciências da vida, desde o surgimento da biologia, como quer Foucault, até a adoção de teses próprias a esse

campo em outras áreas, especialmente as humanidades. É o século de Pasteur, Darwin, Mendel, Bichat, Bernard; mas também Gobineau e seu racismo pretendido científico. É o século da formulação do evolucionismo, mas também das distintas teorias das classes perigosas e da degenerescência. Ou seja, havia uma propensão do XIX em adotar teses biologicistas e, até mesmo, expandi-las a outros domínios, como bem o documenta o darwinismo social. Não estranha, pois que Nietzsche tenha se deixado capturar pela sua época, visto que todos somos prisioneiros do nosso tempo.

Destarte, ele afirma: “Todas as nossas religiões e filosofias são sintomas de nossa situação [*Befindens*] corporal — que o Cristianismo tenha vindo a ser vitorioso, foi a consequência de um sentimento de falta de vontade e de uma mistura de raças” (Nietzsche, NF, 1988b, 1884, 25[407])². Assim, a filosofia e a religião teriam uma origem corporal. O triunfo do cristianismo teria se dado também devido a um motivo psicológico — falta de vontade — também corporal, pois, e à mistura de raças, questão muito própria ao período.

Assim, não surpreende que Nietzsche tenha afirmado, em carta a Gersdorf, no começo de 1873, tenha afirmado que trabalhava em um texto sobre o filósofo como médico da cultura (Aurenque, 2019, p. 26). A cultura europeia do período, da modernidade em geral, estava, para Nietzsche, doente, e, desse modo, cumpria que se pensasse um diagnóstico preciso, a fim de que os remédios corretos pudessem ser encetados e prescritos. A filosofia de Nietzsche era esse diagnóstico e o filósofo tinha os aparatos cirúrgicos e terapêuticos certos a fim de operar a cura, segundo pensava.

A cultura europeia, para Nietzsche, padecia de niilismo, termo cujo mesmo foi buscar nos literatos, teóricos e na prática política russa do período. Para ele, o niilismo começou a se manifestar com a rebelião escrava na moral e o fato de os fracos terem conseguido, por meio da astúcia, se impor aos fortes, de forma que estes se sentissem culpados por serem, precisamente, os dominantes. A má leitura da qual Nietzsche foi objeto, segundo Aurenque (2019) fez com que ele fosse capturado pelo nazismo e pensado como um filósofo que defendia uma espécie de fascismo *avant la lettre*, o que se veria

2 As traduções são sempre nossas.

justificado pelas frequentes críticas que Nietzsche dirige à democracia, à ciência e aos valores modernos. Ele estava a par da ciência de seu tempo e acreditava, de certa forma, contribuir com ela através dos seus escritos. Mas os críticos, como Pasley (1978), enxergam mais um mau uso da ciência e terminam por aplicar Nietzsche sobre ele mesmo, como veremos no parágrafo abaixo.

É notório que Nietzsche não gozava de boas condições de saúde e pagou o preço dessa má compleição. Assim, não seria surpresa que seja precisamente uma boa saúde aquilo que ele mais prezasse, desenvolvendo até mesmo certa compulsão pelo tema. O conceito de *grande saúde*, que Nietzsche introduz, ilustra bem o caso. Para um homem *affabli* pela doença, o mais valioso é justamente uma boa saúde. Aplicado sobre ele mesmo, como faz Pasley (1978) Nietzsche perde um pouco o encanto e suas metáforas médicas, das quais foi se enamorando com os anos, a ponto de elas deixarem de ser metáforas, dão vistas de que ele, ao se enxergar como um médico da cultura, talvez nada estivesse fazendo senão transferir seu próprio *98inámi* a um nível mais amplo.

A avaliação dos comentadores consultados é distinta. Enquanto Aurenque (2019) considera que a filosofia de Nietzsche adiantou e contribui com muitos debates de ética médica, ainda hoje atuais, como suicídio assistido, Pasley (1978) considera Nietzsche praticamente como um charlatão, que se vale de conceitos oriundos de uma área da qual não era perito e que estava a gozar de grande prestígio e crescimento no período, a fim de justificar suas próprias ideias.

Não nos compete, nesta breve seção, julgar definitivamente a questão. Os argumentos de Aurenque são mais convincentes que os de Pasley, mas, conquanto aquela escreveu um volume dedicado a mostrar como Nietzsche e a medicina podem ser pensados concomitantemente, Pasley se contentou em redigir um artigo. Se dermos razão a Pietro Gori (2007), Nietzsche estava a par dos debates científicos de seu tempo e se preocupava com questões científicas. A nosso uso, basta salientar, tal qual apontado, que ele compreendia seu próprio trabalho como diagnóstico da cultura de seu tempo e de que propunha uma terapia, exposta em textos como *Assim falava Zaratustra: o Übermensch*.

Diagnóstico: acontecimento e a ontologia do presente

O termo *diagnóstico* vem de uma família de palavras gregas ligadas ao verbo *diagignōskō*. O prefixo *dia* indica primeiramente a noção de “através de”, como o alemão *durch* (assim, *durchegehen*) por exemplo em *diabainō*, “atravessar”, “atravessar caminhando”. Mas, nos diz Chantraine (1968, p. 276) que ele pode indicar também a ideia de “conduzir algo até o fim” e o filólogo utiliza exatamente como exemplo o verbo *diagignōskō*. O segundo componente do mesmo é o verbo *gignōskō*, o qual significa “ter uma opinião”, “conhecer”, “saber”; esse verbo pode ser ligado a muitos termos do grego como *anagignōskō*, “ler”, “reconhecer as letras”, *gnōmē*, “inteligência”, “opinião”, “julgamento”, “pensamento”, dentre muitos outros termos aparentados. *Diagignōskō* indica, destarte, a noção de conhecer algo, de discernir, de vincar sua presença no conjunto daquilo que há. Bailly (1963) indica que, já na Antiguidade, o termo possuía conotações médicas, por exemplo em Galeno.

Em 1967, na sequência das polêmicas nas quais se envolveu Foucault or ocasião da publicação d’*As palavras e as coisas*, em uma entrevista cujo tema é exatamente o estruturalismo, Foucault analisa as mudanças pelas quais a filosofia passou no último período. De rainha das ciências, como ainda pensava Kant, cuja missão seria pesquisar os objetos eternos e legislar sobre a formaconteúdo das demais áreas do saber, a filosofia teria adotado uma tarefa mais “árdua” e “fugaz”: diagnosticar. Dizer o que somos atualmente (Foucault, 1994^a, p. 581). Na mesma entrevista (p. 583) Foucault, distinguindo entre marxismo e estruturalismo, afirma que este deve diagnosticar nossas condições de existência. Essas alusões a termos médicos enquanto tarefa fundamental da filosofia percorrem toda a obra do mestre francês. Tal vezo pode ser pensado, assim como o fizemos com Nietzsche, a uma história pessoa, visto que a família de Foucault era ligada à medicina e seu irmão até mesmo foi cirurgião.

A noção de diagnosticar como tarefa do filósofo aparece em um texto muito importante de Foucault, *Nietzsche, a genealogia e a história*, de 1971. Nele Foucault liga essa missão diagnosticadora ao próprio método genealógico, tal qual ele entende, e que

foi haurido, nos diz, dos escritos de Nietzsche. A genealogia é caracterizada como um método cinza, cujo proceder é marcado pela busca das emergências e proveniências de um corpo, ou seja, de um dado objeto. Ela se opõe às significações ideias e às teleologias, na medida em que ela não busca encontrar uma mesmidade que sempre se mostra na história, ou seja, como, na aurora dos tempos, uma dada característica, conceito, objeto, etc., teria aparecido e a história nada mais seria senão a monotonia de sua repetição. Contra essa noção, que Foucault chama de *Ursprung*, ou seja, “origem”, ele pensa que o papel do genealogista é indicar como as coisas surgem em uma correlação de forças e que estas se marcam no seio mesmo dela. Destarte, a genealogia seria uma espécie de cartografia, como bem notou Deleuze, notando as irregularidades do terreno, e uma geologia, ao indicar como as camadas de interpretações e acidentes vieram vincar a entidade do ente.

A preocupação da genealogia é, assim como fora a da arqueologia, mostrar as condições de existência de algo, ou seja, como foi possível que algo ocorresse. Mas, ao contrário da filosofia transcendental seja na sua versão kantiana, seja na fenomenológica, não se trata de condições formais, mas históricas. Ao *a priori* kantiano, com sua panóplia eminentemente metafísica, Foucault opõe a noção de *a priori histórico*, ou seja, o solo epistemológico que permite que os distintos discursos e práticas vejam o raiar do dia. Em uma espécie de transcendental histórico, Foucault pretende mostrar como mesmo aquilo que se apresenta a nossos olhos como o mais óbvio e natural, depende de uma série de acasos para ocorrer e que, no lugar de uma necessidade que dominaria, com mão de ferro a história, impondo, pois, um desdobramento transempírico, ideal e metaistórico, são escolhas e suas consequências, ainda que em um campo de exterioridades, ancoradas em práticas precisas, que determinam que algo emergja enquanto correlato dessas práticas. Não mais, pois, uma essência se revelando, mas uma luta e seu desenrolar.

Destarte, foi mister que Foucault pensasse a história como explosão, tal qual se vê na *Arqueologia do saber* e os fatos históricos como acontecimentos. Lembremo-nos das primeiras páginas de *As palavras e as coisas*. Foucault fala do riso que se lhe foi despertado com a leitura da enciclopédia chinesa citada por Jorge Luís Borges em seu bestiário. O chiste guarda verdades, já diria Freud. O fato de uma ordenação dos animais

tal qual descrita por Foucault se nos pareça tão alienígena devém justamente do fato das categorias que utilizamos para descrever o mundo serem históricas e geográficas. Alteram-se com o tempo, como também segundo os costumes dos povos e, até mesmo, no interior de populações. Por isso, a história como acontecimento não busca encontrar as similitudes no desenrolar dos fatos, mas as singularidades: nada de leis históricas e seu perpétuo acontecer, como ainda deseja o marxismo, mas os vincos que impõem ao real uma marca absolutamente própria, uma singularidade irrepetível e, por isso mesmo, preciosa.

Em meados dos anos 70 e 80, Foucault fará referências a outro pensador como inspiração para sua acontecimentalização dos fatos históricos. Se na década de 60 ele indicava Nietzsche como aquele que pensou primeiramente a tarefa da filosofia como diagnóstico do presente, agora é Kant a quem ele faz alusão. Kant, no opúsculo *O que é o Esclarecimento?*, foi, diz Foucault, um dos primeiros a se preocupar com a questão da atualidade como questão filosófica. Debatendo, como se sabe, as problemáticas advindas com a Revolução francesa, o homenzinho de Königsberg teria inventado uma forma de fazer filosofia que seria atual, dado precisamente, como Foucault apontou em outros textos, o destronamento da filosofia enquanto poder legislativo do saber. Kant teria imposto uma filosofia que se preocupasse com a questão de uma ontologia não mais tomada como pedra angular sobre a qual se erigiria o edifício do saber, para utilizar a velha metáfora estrutural, ainda cara aos marxistas, inclusive àqueles do tempo de Foucault, como Althusser, mas como a pergunta que se concentraria em saber o que somos nós mesmos, o que torna nossa atualidade precisamente esta e não outra, o que, na miríade do possível, possibilitou que aquilo que somos hoje viesse à lume. Em outros termos, para seguir uma linha de pensamento que Foucault reivindica, Kant intentou elaborar um diagnóstico do presente e o assinalou como tarefa da filosofia.

No segundo volume dos *Ditos e escritos* Foucault afirma que a filosofia é uma espécie de jornalismo radical e que Nietzsche, mais uma vez, teria sido o primeiro o qual não se ocupou com coisas eternas, mas, sim, com as questões da atualidade. Foucault reivindica essa tradição e se afirma, ele mesmo, como um tal dessa cepa (Foucault 1994b, p. 434). Assim, fica claro a dupla filiação de Foucault neste quesito, embora seus textos

permaneçam indecisos sobre quem seria a origem da noção de que a filosofia deve se preocupar com a atualidade: Se Kant ou Nietzsche, com a atribuição da paternidade ora caindo sobre um, ora sobre outro. Mas sempre recai sobre o autor de *Zarathustra* a noção de que a filosofia seria um diagnóstico do presente.

Batalha: um segundo registro da filosofia na obra de Foucault

Embora toda essa armadura médica a fim de tratar da tarefa da filosofia, outras noções também desponta nos escritos de Foucault (assim como naqueles de Nietzsche, seu mestre): as alusões belicosas. Quatro são os conceitos mais importantes relativamente ao tópico em Foucault: tática, estratégia, dispositivo e relações de força. Já dedicamos outros estudos a eles e, portanto, não nos demoraremos aqui, elaborando, quando preciso, indicações sumárias.

Ao contrário da metáfora do diagnóstico, aquelas bélicas não se mantêm constantes em toda obra de Foucault. Elas vão ganhando importância, ao ponto de dominar seu pensamento e ele mesmo indicar que preparava um livro sobre os militares (Foucault, 1994c) e ter dedicado um curso no *Collège de France* somente à questão da guerra, em 1976. Depois disso, ou por encontrar pontos cegos e inconsistências ou por alguma outra razão que nos queda desconhecida, ela optará por abandonar parcialmente esse paradigma belicoso, ao dar preferência às noções de governamentalidade e governo, terminando, eventualmente, a se voltar às questões éticas.

Um exemplo se encontra na *História da loucura*. Na primeira edição, de 1961, Foucault escreveu um prefácio que criptofenomenológico, o qual seria a marca do período, como quer Nali (2006). Já em 1972, 11 anos depois, Foucault escreve um novo prefácio e, desta feita, já são outras sortes de imagens mentais que o acompanham. Agora, ele remete-se à estratégia, à guerra, à lutas, enfim, à política e passa a reinterpretar toda sua obra, nos anos seguintes, como tendo orbitado em torno da questão do poder — assim como na década de 80 dirá que seu problema sempre foi o sujeito. Enfim, na autointerpretação de sua obra, não podemos nos fiar muito em Foucault, posto ser factível que a avalanche das pesquisas atuais o arrebatava e ele se deixava empolgar. De toda

forma, mesmo na década de 80, quando ele já estiver completamente envolto com as pesquisas relativas à autoexperiência e autoconstituição do sujeito, ele não deixará de fazer alusões a conceitos relativos a esse campo belicoso. OU seja, se sua aparição é mais tardia, com o conceito de estratégia ocupando papel proeminente somente a partir da *Arqueologia do saber* (1969), depois que eles entram em cena, não deixam de ocupar o palco das representações mentais do mestre francês.

Em *Nietzsche, a genealogia e a história* (Foucault, 1994b, pp. 136-156) as imagens bélicas estão por toda parte. Foucault fala de astúcia, de luta, de conflito, de artimanha (*ruse*); mais do que isso, ele traça um quadro do método que passará a reivindicar como ancorado em um mundo movediço, sem eira nem beira, cujos fundamentos foram banidos e ao qual somente resta o equilíbrio de uma paz precária. E *Em defesa da sociedade* ele eleva esse quadro guerreiro a um outro nível, precisando a genealogia e propondo mesmo um modelo de guerra, que ele chama de historicismo, do qual ele quer fazer o elogio e se filiar.^a No começo do curso, ele afirma que as genealogias que ele esteve empreendendo desde 15 anos antes estiveram em batalha contra as teorias “totalitárias e globais”, alusão certa ao marxismo e à psicanálise. Foucault então passa a elaborar algumas indicações de método relativamente à análise do poder. No correr do curso ele passará a tratar de como um modelo que ele acabara de desnudar, que ele chama de modelo de guerra ou de Nietzsche, foi se constituindo ao longo do tempo. Invertendo Clausewitz, e afirmando que a política é a guerra continuada por outros meios, ele recua até a Inglaterra revolucionária, até a França absolutista e se detém nos historiadores do Terceiro Estado a fim de mostrar que a guerra vinha sendo utilizada há tempos para pensar a sociedade.

É de se notar que, neste curso, ele dissocia seu próprio modelo belicoso daquele dialético. A dialética, nos diz Foucault em outros textos, é uma forma de neutralizar os conflitos, reduzindo-os ao esqueleto hegeliano. Podemos trabalhar essas noções ao pensar que a dialética, através da suprassunção, opera uma subsunção, reduzindo os contrários a uma unidade. Nada mais necessário, dadas suas origens em Heráclito, o qual, se bem pensasse o real como fundamentalmente belicoso, também acreditava que havia uma harmonia superior no qual as coisas vinham se reconciliar. Hegel é um herdeiro dessa

tradição e, com ele, Marx. Foucault também bebe, através de Nietzsche, em Heráclito, mas, à diferença dos marxistas e sua tradição, que elaboram uma ontologia realista, Foucault elabora uma tal que se questiona sobre o valor dos valores, ou, em outros termos, ele parte de uma ontologia política do saber, ou, ainda, uma ontologia nominalista, quer dizer, uma ontologia não-essencialista. Com isso, os valores são questionados e postos em perspectiva, mostrados como fundamentalmente interessados e ligados a uma vontade de potência, a qual Foucault não nomeia, mas está nas entrelinhas de seus textos

Foucault afirma que

Ora, eu gostaria de conduzir a análise considerando ao contrário que a guerra civil é o estado permanente a partir do qual pode e deve-se compreender um certo número de táticas das quais a penalidade é, precisamente, um exemplo privilegiado. A guerra civil é a matriz de toda as lutas do poder, de todas as estratégias de poder e, por consequência, também a matriz de todas as lutas sobre e contra o poder. É a atriz geral que vai permitir a compreensão da organização e do funcionamento de uma estratégia particular da penalidade: esta do encarceramento. O que eu vou tentar mostrar é este jogo, na sociedade do século XIX, entre uma guerra civil permanente e as táticas opostas do poder (Foucault, 2013, p. 15)

Ou seja, ele pressupõe uma guerra social permanente. Por isso, ele pode pensar que as relações de poder são coextensivas às relações sociais, e que estas somente podem ser decifradas através dos mesmos mecanismos pelos quais uma guerra é conduzida. Assim, ele assevera

O poder é essencialmente uma relação de força, então, até um certo ponto, uma relação de guerra, e, por consequência, os esquemas que devemos utilizar não devem ser emprestados à psicologia ou à sociologia, mas à estratégia. E à arte da guerra” (Foucault, 1994c, p. 87)

E, nessa guerra intestina, a genealogia é uma arma, conforme visto. Ela luta para descentrar sujeitos, desorganizar ramos do saber, reorientar objetivos, desarmar inimigos,

questionar campos inteiros de conhecimento, precisar inimigos. Ela combate, em suma. Mas, contra quem ou o que?

Conclusão: a dupla caracterização da filosofia

Vimos como Foucault perenemente caracteriza o trabalho filosófico como diagnóstico, mas que, posterior e concomitantemente, ele também pensa a genealogia como uma arma engajada na luta contra determinados saberes e práticas. Parece que há uma contradição, uma vez que, do ponto de vista médico, o diagnóstico somente ganha sentido em referências a uma terapêutica, a qual parece que Foucault não se ocupou; e, do ponto de vista do combate, se os inimigos são claros, a estratégia a ser adotada se desenrola nos livros do mestre francês, o objetivo não é explícito. Que almejava Foucault com seus escritos? Para qual objetivo ele apontava. Vejamos por partes.

Foucault se destacou, por exemplo, como um adversário encarniçado dos saberes *psi*, como ele mesmo chama. Mostrou como a psiquiatria é frágil e, até mesmo arbitrária; mas ele não propõe uma alternativa a ela. Critica a prisão, mas não indica uma saída. Critica os fundamentos do sistema penal, mas não afirma o que se lhe poderia substituir. Foucault é famoso por propor uma noção de estratégia sem sujeito, como abordado em muitos textos. Mas uma ação sem estratégia, sem fim? Será Foucault além de um “médico da cultura” sem terapêutica, um estrategista sem estratégia?

Há exceções. Nos textos da década de 80, Foucault passa a abordar a noção de estética da existência, que alguns aproximam de um tipo de dandismo. Ou fala da amizade como modo de vida, no caso das lutas dos homossexuais. Ou, ainda, defende os direitos humanos contra um poder discricionário (Foucault, 1994d). Parece que, quando ligados à questões pontuais, Foucault se envolvia diretamente e propunha métodos de ação, manifestos, lampejos teóricos, em entrevistas ou pequenos artigos. Mas, diante de algo como as consideradas grandes questões, ele nunca escreveu algo como um *Manifesto do partido foucaultiano*.

Entendemos que há duas razões para tanto. Primeiro, Foucault não considerava que coubesse ao intelectual a tarefa de condução de condutas (ou seja, uma relação de governo, no dizer do próprio mestre francês), tal qual o intelectual de vanguarda leninista, “a parte mais consciente da classe”, a “consciência de todos”: Zola e *J'accuse!*, Sartre e *Les temps modernes*. Para ele, soara a hora de um novo tipo de pensador, ligado não a forja de valores universais a serem partilhados por todos, ou que tivesse que exercer um papel de voz comum. Para Foucault, o novo intelectual, próprio a contemporaneidade seria aquilo que ele chama de intelectual específico habilitado a tratar de um campo de atuação próprio e ligados às demandas particulares desse espaço circunscrito. Recusando-se a representar alguém, como seu papel no GIP bem demonstrou, Foucault considerava indigno falar no lugar de outra pessoa. Em suma, crítica ao intelectual de vanguarda, às noções de representação política e aos instrumentos à ela ligados, como os partidos políticos.

A segunda razão envolve o fato de Foucault não considerar que a sociedade mudaria com um golpe de único de força, com uma revolução, tal qual o Carnaval da história, onde homem se torna mulher, rico, pobre e os despossuídos passam a mandar. Para Foucault, são as pequenas relações de poder que sustentam as grandes estratégias. Somente é possível um Estado com todo seu pesado aparato porque nas relações mais cotidianas há estratégias de poder em curso, que adestram os indivíduos, tornando-os aptos a serem governados. Assim, ele se empenhou em pautar mudanças paulatinas, e lançar luzes sobre tópicos para muitos menos nobres, mas que, na vida dos afetados, tinha grande significância. Para falarmos em uma linguagem clara: Foucault se inscreve em um modelo de revolta e de guerra de posições no que tange às mudanças sociais. Como diz Clausewitz (2003, p. 18): a guerra não é um ato isolado.

Dizem Marx e Engels (1977), em palavras célebres, que a emancipação do proletariado há de ser obra do próprio proletariado. Ou seja, que o protagonismo das lutas dos deserdados deve ser deles mesmos. O raciocínio pode ser aplicado aos demais setores sociais. Afinal, somente se os próprios interessados estiverem na linha de frente dos conflitos que os envolvem estes poderão ser bem-sucedidos. Foucault não concordaria totalmente com estas palavras, uma vez que a noção de “emancipação” parece supor um

sujeito preexistente, uma espécie de núcleo cristalino da subjetividade, enquanto o pensador francês tomava o termo sujeito (*sujet*) na sua dupla acepção, seja de sujeito (ativo), seja de súdito (passivo), ou seja, obra-obraador das relações sociais. Mas, no fundo, Foucault radicaliza o marxismo. Enquanto para os leninistas caberia aos intelectuais de vanguarda comandarem o processo revolucionário e a mudança social, Foucault parecia crer que somente quando aqueles que estão oprimidos, minorados e desprovidos tomarem a frente é que essa mudança pode operar-se.

O intelectual compete fazer a ontologia do presente, o diagnóstico, mas não constituir uma relação de condução de condutas, ou seja, de governo, mesmo porque a vanguarda leninista nada mais é senão um embrião de governo. Ao negar isto, Foucault se aproxima de uma outra tradição política ocidental, uma tal que minorada e perseguida, inclusive pelos próprios marxistas. Mas isto é tema para um outro texto.

REFERÊNCIAS

- AURENQUE, D. *Die medizinische Moralkritik Friedrich Nietzsches. Genese, Bedeutung und Wirkung*. Wiensbad: Springer, 2019
- BAILLY, A. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1963, 26^a ed.
- BUENOS AIRES, N.S. L. *Sobre a sintomatologia: filosofia como diagnose em Nietzsche*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018
- BURNHAM, D. *The Nietzsche Dictionary*. London/New Delhi/New York/Sydney: Bloosbury, 2015
- CASTRO, E. *El vocabulario de Michel Foucault*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2004
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque. Histoire des mots*, Paris : Klincksieck, 1968
- FAUSTINO, M. Da Grande Saúde. A Transvaloração Nietzscheana do Conceito de Saúde. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 257-286, jul./dez. 2014
- FOUCAULT, M. *Dits et écrits 1954-1988 : I 1954-1969*. Paris : Gallimard, 1994a
- _____. *Dits et écrits 1954-1988 : II 1970-1975*. Paris : Gallimard, 1994b
- _____. *Dits et écrits 1954-1988 : III 1976-1979*. Paris : Gallimard, 1994c
- _____. *Dits et écrits 1954-1988 : IV 1980-1988*. Paris : Gallimard, 1994d
- _____. *Il faut défendre la société (1975-1976)*. Paris : Gallimard/Seuil, 1997
- _____. *La société punitive*. Paris: EHESS/Gallimard/Seuil, 2013
- FREZZATTI JR., W. A.. A fisiopsicologia de Nietzsche: o diagnóstico e a elevação da cultura como tarefa do médico filósofo. *Discurso*, v. 48, n. 2 (2018), pp. 187–199
- GORI, P. *La visione 108inamica del mondo*. Nietzsche e la filosofia naturale de Boscovich. Napoli: La Città del sole, 2007
- HEINRICH, J.. Nietzsche und die Medizin. *Nietzsche-Studien* 51 (2022), pp. 351–370
- LIRA, J. J. da S.. Arqueogenealogia e o diagnóstico do presente: de Nietzsche a Foucault. *Revista Paranaense de Filosofia*, v. 1, n. 2, p. 75-96, Jul./Dez., 2021.
- LONG, T. A. Nietzsche's philosophy of medicine. *Nietzsche Studien*, vol. 19, issue, 1990
- LUIZ, F.. Há uma ontologia política do saber em Foucault? *Ipseitas*, São Carlos, vol. 6, n. 1, p. 84-94, jan-jun, 2020

MARTINS, C. J. *Michel Foucault: Filosofia como diagnóstico do presente*. Dissertação de mestrado, IFCH-UNICAMP, Campinas, 1998

MARX, K.. ENGELS, F.. *Werke*. Berlin: Dietz, 1977, Band 4

MÜLLER, E.. *Nietzsche-Lexikon*. Leinden/Boston: Wilhelm Fink/Brill, 2020

NIETZSCHE, F.. *Nachgelassene Fragmente 1882-1884*. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari Band 10. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988a

_____. *Nachgelassene Fragmente 1884-1885*. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari Band 11. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988b

PASLEY, M. (ed.). *Nietzsche: imagery and thought. A collection of essays*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1978

PASLEY, M. Nietzsche's use of medical terms. In PASLEY, Malcom (ed.). *Nietzsche: imagery and thought. A collection of essays*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1978

PINHO, L. C.. Foucault e o diagnóstico histórico-filosófico da modernidade. Gavagai: *Revista Interdisciplinar de Humanidades/Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim*. – Vol. 1, n. 1 (mar./abr. 2014). – Erechim: [s.n.], 2014.

REVEL, Judith. *Le vocabulaire Foucault*. Paris: Ellipse, 2002

TONGEREN, P. van. O filósofo como clínico da crítica à cultura. *Estudos Nietzsche*, Curitiba, v. 1, n. 2, p. 265-286, jul./dez. 2010

WOTLING, P.. *Le vocabulaire de Nietzsche*. Paris: Ellipses, 2001